

STI 019  
 0122-1102  
 CB  
 19/10/99  
 152

# A FORÇA LENDÁRIA DA AMAZÔNIA

Jarbas Passarinho

Na Amazônia sempre prevaleceu o lendário sobre a realidade. Ninguém menos que Euclides da Cunha afirmou que "o bochorno de 40 graus centígrados à sombra" tornava o seu clima intolerável. Depois de conhecê-la melhor, a serviço da Comissão Demarcatória do Alto Purus balizando a fronteira com o Peru, retificou seu exagero. Gastão Cruis, influenciado pelas fantasias que lera a respeito da região, escreveu "A Amazônia Misteriosa", plena de equívocos, dos quais se reabilitou ao publicar "A Amazônia que eu vi". O próprio nome Amazônia deriva de uma fantástica baleia, Orellana, ao chegar à Espanha ao fim de sua viagem ao sabor da corrente do imenso rio, causou grande excitação ao revelar as peripécias por que teria passado. Entre elas, a referência ao combate que teria travado "com uma legião de mulheres seminuas, com longos cabelos trançados ao redor da cabeça", como confirmou o escriba da expedição, frei Gaspar de Carvajal, que as denominou "amazonas". Fazia meses que os espanhóis não viam mulher, desde que Orellana traiu o irmão de Pizarro e dele se apartou fascinado pela lenda do El Dorado, da região abundante em ouro, em pó inclusive. Quando viram índios glabros, de longas cabeleiras trançadas, tomaram-nos por mulheres guerreiras, que teriam sacrificado os seios para melhor manejar o arco e a flecha. Barbosa Rodrigues esclareceu que o engano proveio de os uaupés, índios que habitavam o vale do Nhamundá e Trombetas, onde se deu o embate com Orellana, par-

tirem os cabelos ao meio, trançarem-nos, jogando-os sobre os ombros, e como eram destituídos de pelos e de barba foram confundidos à distância com mulheres.

Falar sobre o lendário amazônico exigiria um tratado. Estando a Amazônia hodierna no foco das preocupações internacionais, oportuno é fugir das lendas e enfatizar as realidades. Os europeus e os norte-americanos comuns até hoje acreditam que a floresta amazônica é que lhes proporciona o oxigênio vital para a respiração, dando-lhe a suposto mérito de ser "o pulmão do mundo". Ora, os cientistas já provaram sem a menor possibilidade de contradita, que na nossa portentosa floresta, entre oxigênio e gás carbônico produzidos em 24 horas, um neutraliza o outro, fazendo a soma ser zero, e que os grandes produtores de oxigênio para a Terra são especialmente as algas marítimas. Isso nada obstante, de uns vinte anos para cá os habitantes do Ocidente industrializado estão convencidos de que as queimadas e o desmatamento da floresta amazônica, além de serem uma ameaça para os seus pulmões, ainda são responsáveis pelo agravamento do efeito estufa. Ou seja, causarão inevitavelmente, se não formos impedidos de continuar com o desmatamento, o aumento de até três graus centígrados na temperatura da atmosfera, provocando o degelo das calotas polares e o aumento de nível dos mares. Isso apavora a Holanda, mas também Nova York, a ilha de Manhattan e toda a civilização

construída ao nível do mar.

Falei de pessoas comuns, europeias ou americanas. Mas não só elas. É conhecido o diálogo que Delfim Netto, quando nosso ministro da Fazenda, travou com o ministro seu homólogo alemão que o recebia em Bonn. Ao receber de a Amazônia vir a deixar de produzir o oxigênio como "pulmão do mundo", expressado pelo germânico, respondeu Delfim com sua habitual verve que então era de estranhar que nunca nos tivessem pagado royalties pelo oxigênio... Se um ministro de Estado alemão, país de alta cultura, berço de tantos cientistas famosos, se dá ao luxo de cometer tal equívoco clamoroso, é de pensar na possível generalidade dessa idéia mesmo entre os formadores de opinião, não só europeus mas americanos principalmente, pois tem sido mais constante na sua mídia a divulgação severa da condenação ao crime ecológico que o Brasil supostamente pratica. Há cerca de dez anos, a revista *Time* publicava páginas ilustradas com fotos de queimadas na Amazônia, descritas como "uma das maiores tragédias da história". Ora, eram precisamente os europeus e os americanos que jogavam na atmosfera, pela queima de combustíveis nas suas indústrias e nos seus meios de transporte, a bagatela de 5 bilhões de toneladas/ano, enquanto o Brasil contribuía com a relativamente modesta quantidade de 336 milhões de toneladas/ano. De resto, basta considerar que antes da revolução industrial a taxa de concentração de CO<sub>2</sub> na atmosfera era de 290 partes por milhão, o que subiu em 1989 para 340 par-

tes por milhão. Indiscutível, igualmente, é a destruição da camada de ozônio pelo cloro-fluor-carbono, responsabilidade dos países industrializados, nos quais o Brasil tem mínima participação. Enquanto somos acusados e apontados como o vilão do mundo no que tange ao desmatamento e à queima da floresta amazônica, vale lembrar que na Expo-92 os Estados Unidos rejeitaram aprovar a recomendação de redução da emissão na atmosfera de gás carbônico das indústrias.

O próprio presidente Gorbachev, em discurso na ONU, referiu-se à necessidade de os países delegarem a organismos internacionais normas de proteção do meio ambiente. Af estava claramente embutida a doutrina da soberania relativa, ou da soberania absoluta delegável, hoje uma das vertentes da globalização, sob o princípio de que em matéria de ecologia degradada e direitos humanos ofendidos não há soberania absoluta.

Preservar a floresta amazônica é, antes de tudo, nosso dever na defesa de nosso patrimônio. Desmatar e queimar a mata irresponsavelmente é não só um crime ecológico, mas contra o Brasil. Quanto à paranóia estrangeira, ou sua cobiça mascarada de defesa do meio ambiente, mais indicado do que deblaterar é eliminar os pretextos, não devastando a ecologia e respeitando os direitos humanos em nosso país. A menos que fôssemos a China continental...

■ Jarbas Passarinho, presidente da Fundação Milton Campos, foi ministro de Estado, governador e senador